

A INDÚSTRIA NACIONAL DE TRATORES E A MECANIZAÇÃO DA AGRICULTURA BRASILEIRA

Ilo Soares Nogueira

1 – COMPOSIÇÃO DA INDÚSTRIA

A indústria de tratores fabrica hoje no Brasil diversos modelos, que atendem perfeitamente a necessidade da agricultura nacional. São fabricados tratores de 4 rodas, pela Massey-Ferguson do Brasil com cinco modelos, Valmet do Brasil S.A. com quatro modelos, Companhia Brasileira de Tratores com três modelos, Agrale S.A. Tratores e Motores com um modelo e Malves S.A. Comércio e Indústria de Máquinas com um modelo. Os cultivadores motorizados são fabricados pela Kubota Tekko do Brasil num só modelo. Os tratores de esteiras são produzidos pela Massey-Ferguson do Brasil, dois modelos, Caterpillar do Brasil S.A., dois modelos, Fiat Allis Tratores e Máquinas Rodoviárias S.A., dois modelos e Malves S.A. Comércio e Indústria de Máquinas, dois modelos. Os tratores de rodas vão desde 16 a 90 CV no motor. Os tratores de esteiras variam de 75 a 136 CV, também, no motor.

2 – LOCALIZAÇÃO DAS EMPRESAS E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE SUAS VENDAS

A maior parte das empresas localiza-se no Estado de São Paulo, exceto a Fiat Allis que está em Belo Horizonte – MG e Agrale em Caxias – RS. As vendas estão altamente concentradas no Centro-Sul do Brasil, sendo os Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul em conjunto responsáveis pela absorção de 70% da produção nacional de tratores, cabendo apenas 5% ao Norte e Nordeste.

3 – SITUAÇÃO ATUAL DO MERCADO, SEU ATENDIMENTO E PROJEÇÕES

A evolução do mercado de tratores agrícolas desde o seu início foi bastante irregular. A produção que se iniciou em 1961 alcançou cerca de 12.000 unidades em 1967. Em 1969 alcançou 9.500 unidades, tendo no ano passado, atingindo a uma produção de 36.700 tratores. A retração dos primeiros anos deve-se ao aumento da taxa de juros que passou de 11% em 1964 com uma inflação de 84% ao ano, para 24% ao ano com uma inflação de cerca de 40% em 1967. Posteriormente, a isenção do ICM e IPI nos tratores combinada com a redução da taxa de juros para 15% ao ano e ainda a simplificação da sistemática do financiamento provocaram um novo crescimento do mercado. Não se deve esquecer que a política de preços mínimos permitiu um aumento de sua renda agrícola, enquanto a economia de escala da indústria de tratores levou a reduções significativas da relação do preço do trator/preço do produto agrícola. A produção de tratores de esteiras só começou realmente a partir de 1970 e os modelos produzidos têm a sua principal fabricação na abertura de novas frentes agrícolas (quadro 1).

4 – MECANIZAÇÃO COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E LIBERAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA

A mecanização agrícola foi muito questionada no início da década de 60, chegando a ser acusada de um fator de desequilíbrio da oferta de mão-de-obra, inclusive como responsável pela formação de favelas na periferia das cidades. A doutrina era de que a mecanização liberava mão-de-obra, a qual se deslocava para as cidades onde se marginalizava, devido à falta de preparo para adaptar-se ao mercado de trabalho e as condições sócio-econômicas das cidades. A proposição era de mão-de-obra intensiva e com ênfase no uso de fertilizantes, boas sementes e irrigação. O modelo, embora, fascinante não se adaptava às condições brasileiras, pois a sua origem está no Extremo Oriente, onde o fator terra é escasso e a população é abundante. Evidentemente, não se poderá classificar o Brasil nesta categoria.

Felizmente, a partir de 1970, foi reconhecido que não se poderia tecnificar a agricultura sem mecanização e então mediante isenção do ICM, IPI e do desconto do imposto de renda nas aplicações em mecanização promoveu-se o crescimento acentuado da demanda do trator.

QUADRO 1. – Produção Brasileira de Tratores, 1969–74

Ano	Produção de tratores de 4 rodas
1969	9.547
1970	14.048
1971	22.122
1972	29.142
1973	36.694
1974	43.000 (estimado)

O mercado estimado para 1980 é de 120.000 tratores de rodas e esteiras.

5 – ESCASSEZ DE MÃO-DE-OBRA NO CAMPO E MECANIZAÇÃO DAS COLHEITAS

A expansão da industrialização em geral, das construções civis e das obras públicas no início da década de 70, determinou uma escassez de mão-de-obra no campo. Estima-se que a população rural brasileira hoje está em torno de 45%, sendo que o Estado de São Paulo, deverá ter menos de 18% da população rural. Exatamente os Estados de maior expansão industrial são aqueles que têm agricultura mais desenvolvida, como é o caso de São Paulo e Rio Grande do Sul. A agricultura de escala ou como queira chamar a agricultura econômica em contraste com a agricultura de subsistência teve de acelerar a mecanização estendendo-a até a colheita. No Rio Grande do Sul são exemplos a situação da soja e do trigo. Em São Paulo a escassez de mão-de-obra para a colheita limitava a expansão das culturas de algodão e cana-de-açúcar. Hoje essas duas culturas passam por um processo acelerado de mecanização de suas colheitas. Há cinco anos atrás não havia no Estado de São Paulo nenhuma máquina para colheita do al-

godão e/ou de cana-de-açúcar. Nesta próxima safra centenas de colhedoras estarão servindo essas culturas.

6 – NOVAS FRONTEIRAS AGRÍCOLAS E NECESSIDADE DE MECANIZAÇÃO INTEGRAL

A abertura de novas estradas no Centro Sul em demanda da fronteira do Oeste Brasileiro, abriu nova fronteira para a agricultura. Este é o caso do Sul do Mato Grosso, Sudoeste de Goiás e Oeste do Paraná. Essas regiões até há pouco desabitadas, receberam colonos, dos quais muitos vieram do Rio Grande do Sul. Os novos não dispunham de mão-de-obra que lhes permitisse cultivar essas áreas novas pelos métodos tradicionais. Neste caso tiveram que apelar para a mecanização integral das lavouras. No Oeste do Paraná, colonos gaúchos originários da região da Serra implantaram o binômio do trigo e soja, fazendo a produção paranaense da soja superar dois milhões de toneladas e do trigo aproximar-se da marca de meio milhão de toneladas. No Sul do Mato Grosso, paulistas e gaúchos abriram novas áreas para o trigo, soja e arroz. Em Goiás, mineiros e paulistas introduziram e desenvolveram a cultura do algodão e expandiram o tradicional cultivo do arroz de sequeiro. Essas novas fronteiras agrícolas são hoje responsáveis por alta absorção de máquinas agrícolas.